

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

*Onovo Cardeal portuguez, Ferreira dos Santos Silva*, pelo padre Senna Freitas.—Secção RELIGIOSA: *Vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos protestantes, vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia*, pelo padre Rademacker; *Palavra d'um secular acerca do Clero*, por Paulo Féval.—Secção LITTERARIA: *A educação religiosa na familia e na escola*, por Bernardino José de Senna Freitas. (Conclusão); *Dorothêa e Theophilo ou os Desposados do Céu*, (romance).—O CLERO NA CAMARA DOS DEPUTADOS: *Discurso de s. ex.ª rev.ª o sr. dr. Pires de Lima, na sessão de 14 de maio* (conclusão).

## GUIMARÃES, 30 DE JUNHO

### O novo Cardeal portuguez Ferreira dos Santos Silva

A Agencia Havas noticiava-nos inesperadamente, haverá dois mezes, a eleição feita por Leão XIII do exc.ª sr. D. Americo, bispo do Porto, para membro do Sacro Collegio Cardinalicio. A noticia era exacta. Confirmou-a todo o jornalismo estrangeiro e nacional; e ainda hontem as folhas da côrte e das provincias descreviam a solemmissima cerimonia, que teve logar no Paço, da entrega das insignias de Cardeal feita pelo Ablegado apostolico ao regio apresentado. Finalmente a «Palavra» narra-nos em termos commoventes a entrada verdadeiramente festiva e triumphante com que os portuenses receberam o seu estremecido Prelado, distinguido por uma tão excelsa elevação.

De hoje em diante o sr. D. Americo já não é só o respeitavel Bispo d'aquella diocese portuense, é um principe da Igreja, um membro do Sacro Collegio; faz parte do senado pontificio, pertence, se assim posso dizer, á alta aristocracia da Igreja, cujo esplendor só conhece acima de si o esplendor da thiara papal.

Como jornalistas, como catholicos, como portuguezes saudemos reverentemente o recente purpurado, e mais que a elle saudemos gratos o illustre Papa que por esta

fôrma acaba de testemunhar da maneira mais inequivoca a sua consideração para com a nação portugueza, e de estender, acrescentarei, não generosa ao governo que nos rege.

De facto, a inserção do sr. D. Americo no numero dos Cardeaes ultimamente eleitos, é um acto de deferencia para com o rei que propoz a nomeação pontificia o sr. D. Americo de preferencia a qualquer outro prelado, e é por igual um acto de graciosa munificencia para com o governo portuguez. De graciosa munificencia, digo, porque a eleição feita por Leão XIII não significa uma recompensa, sejamos franco como sempre. O nosso governo está longe de poder-se chamar catholico, no verdadeiro sentido da palavra, e affecto ao representante de Jezus Christo. Em diversas emergencias o ha mostrado á sociedade como na eterna questão das missões do Ultramar e na da secularisação dos bens ecclesiasticos.

Mas essa eleição significa, sim, uma esperanza de dias melhores e um estimulo, que praza a Deus não seja improficuo.

Quanto aos dotes e procedores do novo Cardeal, elles explicam assaz a subida dignidade de que foi investido. S. ex.ª possui uma boa intelligencia, é muita perspicacia; a sua illustração é notavel, o seu tracto dignitoso e ameno, a sua prudencia extrema, a sua caridade summa, embora se esconda. Tem publicado numerosas e por vezes magnificas pastoraes, como a que escreveu sobre a santificação do Domingo e a destinada a combater a propaganda protestante na sua diocese; reformou completamente o seu seminario a expensas proprias em grande parte; promove com incontestavel zelo o melhoramento dos costumes do seu clero, não trepidando de recorrer ás medidas penaes quando as circunstancias o exigem: a sua dedicação para com o Summo Pontifice de sóbra a mostrou elle indo voluntariamente expor-se todos os annos ás ignobis arruaças que lhe fazia a canalha á porta da Sé do Porto, nos anniversarios de Pio IX que nunca quiz deixar de celebrar.

Muitos, não obstante, teem estranhado que o barrete cardinalicio não fosse

offerecido a outro prelado nosso, mais benemerito de ser incorporado no Sacro Collegio.

Direi eu que esta estranheza não tem seu *quid* de racional e justa? Não, porque nada me fará dizer o contrario do que sinto. A primeira responsabilidade do jornalista é a verdade. Prezando muito e muito o sr. D. Americo por mais d'um titulo, dos quaes o minimo não é nem pôde ser os obsequios que lhe devo, eu sou forçado a reconhecer perante os factos e perante a imprensa as tendencias *regalistas* do prelado portuense, que, como taes, me não sorriem; porque entre o regalismo e a liberdade inalienavel da Igreja vejo uma antinomia absoluta. Mas nem esto sendo ofusca os seus elevados meritos, nem estranhar é julgar. Não seria proprio de *bons filhos* da Igreja o pretender analysar e julgar os actos da Santa Sé, mesmo aquelles que não teem por objecto nem o dogma nem a moral. Se tivéssemos direito para tal, desappareceria todo o principio de ordem, de harmonia e de submissão na jerarchia ecclesiastica, e a censura audaz tomaria o lugar da docilidade. Nós vemos as cousas em si e por um ou outro aspecto; vemol-as dentro dos limites do estreitissimo horisonte, que descortinamos; o Papa vê-as por todos os lados, nas suas multiplas circumstancias, com as luzes peculiares que não possuímos, e fundado em dados intimos que estamos longe de conhecer, porque se formam na alta atmosfera da diplomacia.

Tracemos algumas linhas biographicas do novo Cardeal.

O senhor D. Americo Ferreira dos Santos Silva nasceu na freguezia de Massarelos a 16 de janeiro de 1830. É filho do primeiro barão de Santos, negociante que foi da praça do Porto.

Foi educado em Pariz, n'um collegio fundado pelo illustre e benemerito portuguez Sacra-Familia, em Fontenay aux Roses, onde recebeu uma educação esmerada, e haurio sentimentos de profunda piedade que tem conservado até hoje.

Aos 16 annos, regressando de Pariz, matriculou-se na faculdade de theologia, na universidade de Coimbra, onde tomou o pello em 1852.

Doutorado que foi, e ordenado de presbytero poucos mezes depois; e então Cardeal Patriarcha de Lisboa, o sr. D. Guilherme, convidou-o para reger a cadeira de dogma no seminario de Santarem, o que aceitou. Cumulativamente com ella exerceu o cargo de vice-reitor, e conservou-se no dito seminario até o anno de 1862. A essa epocha está ligada para mim uma gratissima recordação. Foi alli, e sob o vice-reitorado de s. ex.ª que eu vivi quatro annos até que parti para Pariz cursar theologia e demandar o habito que symbolisa a minha vocação de missionario e constitue a unica gloria de que me ufano. O procedimento de todo ponto irreprehensivel do sr. D. Americo era um espelho para nós todos. O modo porque se desempenhava do seu mister de professor attrahia á sua aula muitos ouvintes, entre os quaes se contava por vezes um simples estudante de latinidade, que agora biographa a vida do mui distincto ex-leitor de theologia dogmatica. Concisão, clareza, gravidade de forma, fluencia e methodo eram as qualidades que caracterisavam as suas prelecções. Não sabia o que era escolher uma palavra, porque se lhe apresentava á mente já escolhida e lhe cahia dos labios com a espontaneidade dos que têm o dominio da expressão.

Em 1854 acompanhou a Roma, na qualidade de secretario, o sr. D. Guilherme, sendo por essa occasião nomeado camareiro secreto do fallecido pontifice Pio IX.

Em 1865 e 1868 foi encarregado pelo sr. Cardeal Patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues, do governo do patriarchado, e por fallecimento d'este senhor foi nomeado vigario capiular da diocese de Lisboa, cargo que exerceu até 18 de junho de 1874, anno em que foi confirmado bispo do Porto.

Durante o lapso de 64 a 68 trabalhou em diversas commissões de serviço importante, tendo sido nomeado membro da junta governativa na auzencia do sr. D. Manoel Bento, e igualmente nomeado desembargador da Relação da Curia Patriarchal. Em razão da doença do referido senhor Cardeal Patriarcha ficou encarregado com o sr. dr. Cicouro do governo do patriarchado até ao fallecimento d'aquelle.

Em 23 de dezembro de 1869 eleito bispo do Porto, recebeu a confirmação da Santa Sé a 26 de junho de 1871. Em 10 de setembro do mesmo anno, foi solemnemente sagrado na igreja patriarchal de Lisboa, em 16 entrava n'esta cidade, e no dia 20 verificou-se a cerimonia da posse com todo o lustre e magnificência de um gerarcha que era investido do cargo da sua diocese e com ella contrahia mysticas nupcias.

El-rei D. Luiz confiou ao sr. D. Ame-

rico a direcção espiritual dos principes, e significou-lhe a sua gratidão distinguindo-o com a gran-cruz de Nossa Senhora da Conceição, no dia da primeira communhão administrada aos principes.

E' prerogativa da corôa portugueza o direito de apresentar ao chefe da Egreja dois cardeaes, um dos quaes é sempre o patriarcha. Este já fôra apresentado pelo rei, e recebera o barrete de Cardeal; restava o segundo, o rei escolheu o sr. D. Americo.

Foi, pois, s. ex.ª preconisado membro da Sacro Collegio no consistorio reunido em Roma a 12 de maio do corrente anno. O resto é tão actual que fôra ocioso referir-o.

Disseramos no principio d'este artigo que o sr. D. Americo publicára numerosas e importantes pastoraes. Temol-as á vista, e deparam-se-nos n'ellas trechos tão notaveis que não podemos furtar-nos ao prazer de reproduzir alguns d'elles. Não poderiamos acolchetar melhor esta especie de biographia, que para artigo já não vai curta de mais.

Como Vigario Capitular de Lisboa: 3 de janeiro de 1871—pedindo esmola e organisando commissões de soccorros ao Santo Padre, e referindo-se ás necessidades do Chefo da Egreja e recusa d'este á accettazione da offerta que o governo de Victor Manoel lhe fez, diz o sr. Bispo:—«Não é licito ao Representante na terra da verdade moral vender a dinheiro o reconhecimento de um acto injusto; não consente a dignidade da auctoridade Suprema de 200 milhões de catholicos constituir-se ella na dependencia dos proprios oppressores pela accettazione do preço dos despojos: e nem pôde o pezo do ouro offerecido fazer leves as cadeias de um subdito, quando esse subdito impera na consciencia do mundo. O orbe catholico, pois, applaude unisono ao seu Chefo Supremo, e o acompanha na recusa formal com que regeitou uma offerta, que em nada diminuindo a injustiça da expoliação, somente praticaram, pretendendo rebaixar a sua Augusta Victim.»

10 de junho de 1873.—Participando que celebraria o anniversario da elevação de Sua Santidade ao solio Pontificio, o felicitando-se pelo 27.º anniversario do Pontificado de Pio IX, dizia:—«Por mais agudos que sejam hoje os espinhos da sua triplice corôa de Pontifice, Rei e Pae, guarda sempre a mesma frente, serena para com os adversarios, affavel para com os fillos...»

14 de fevereiro de 1878.

Annunciou a morte de Pio IX e as exequias, que celebrou na Sé, com toda a pompa nos dias 17 e 18 de fevereiro. Ah! dizia, depois de referir as homena-

gens de todos, amigos e inimigos prestadas ao fallecido pontifice:

«E' que na presença d'aquelle corpo exanime é forçoso confessar e reconhecer que em tempo encerrou elle o espirito mais illustrado, o coração mais generoso, a alma mais nobre e christã, que Deus formára á sua imagem e semilhança. E' que os povos viram um ancião sem outra força mais do que a justiça de sua causa na terra e a santidade da de Deus no Céu, resistir inabalavel, quer ás ameaças formaes de inimigos, quer a imprudentes suggestões de amigos: não se deixar seduzir com promessas arteiras nem humilhar com a violencia da força, nem mesmo enganar com as subtilidades das conveniencias politicas: ouviram-n'o sempre firme responder a todas as instancias com o mesmo protesto de—*não possumus*—: e então os povos conheceram até que grau se pôde alçar a dignidade do homem, sentiram que esse ancião era typo por excellencia, e ufanaram-se agora de o poder contrapor ás tristes baixezas dos tempos que vão correndo.»

21 de fevereiro de 1878—Carta communicando aos seus Diocesanos a elevação ao throno Pontificio do Santo Papá Leão XIII.

«E' differente o nome;—diz S. Emnencia—(de Leão) talvez até o sejam os meritos pessoaes; que importa? é a mesma a sua auctoridade espiritual, porque é o legitimamente eleito; a mesma será a nossa obediencia e adhesão prestadas a Jesus Christo, cuja é a missão que seu Vigario vae exercer sobre nós.»

Phrases como estas elogiam-se por si mesmas, e hem dispensam todo o commentario.

PADRE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia.

### XVIII

O PAPA ENGANOU-SE EM MATERIA DE FÉ, DEFININDO N'ESTES ULTIMOS TEMPOS A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA, DOUTRINA CONTRARIA Á BIBLIA.

O Papa, definindo esta verdade não ensinou um dogma novo: nada mais fez do que declarar era esta a crença de toda a Igreja Catholica, desde sua fundação até

nostros dias, e que portanto, sendo a verdadeira Igreja necessariamente infallivel, essa crença era dogmatica. E a Igreja Catholica sempre manteve tal crença, por isso mesmo que se fundava na Biblia.

As prophcias que fallam da mãe do Messias futuro, a designam como isenta de toda a mancha do peccado: e isto se vê principalmente nos=Canticos=onde se lê: «Toda és formosa e em ti não ha mancha.» (Cant. 47.)

Mas se os protestantes se acham embaraçados com a interpretação das prophcias, se não querem ler com S. Jeronymo no Genesis —«Ella te esmagará a cabeça» (Gen. 3, 15) na ameaça feita por Deus á serpente que era o demonio, leiam ao menos o Evangelho e digam-nos como podia o Anjo chamar a Maria «cheia de graça», (Luc. 1, 28) se houvesse um unico momento em sua existencia durante o qual estivesse sujeita ao peccado? Assim, ainda que alguns escriptores catholicos tenham tido opinião distincta em certa escola, sujeitaram-a sempre ao que a Igreja houvesse por bem definir sobre este ponto: logo declarada pela Igreja a universalidade ou a catholicidade d'essa crença, taes opiniões em nada se oppoem á accitação do dogma por toda a Igreja.

Claro está que os protestantes não gestam nada d isto: não admira: pela sua parte o demonio também não sympathisou nem pouco nem muito com aglorificação d'aquella cujo=Pé de balde tentaria morder=(Gen. 3, 15).

## XIX

### AS INDULGENCIAS FORAM OUTRO ABUSO SIMONIACO INTRODIZIDO PELOS PAPAS.

Os protestantes fallando de indulgencias, mostram que não sabem o que ellas são. Póde ou não a Igreja perdoar a culpa e pena eterna?

Claro está que sim, porque o diz a Biblia, pois a S. Pedro foi dado o poder de — «atar e desatar» (Math. 18, 18): logo póde também perdoar a pena temporal, pois quem póde o *mais* póde o *menos*. N'este caso a Igreja tem indubitavelmente o direito de perdoar essa pena temporal no todo ou só em parte, e isto dependente das condições que bem lhe pareçam, como: uma oração, um jejum, ou uma esmola que ella imponha. As indulgencias que tanto irritam os nervos dos protestantes, são isto e não outra cousa. Que duvidas poderão elles ter logicamente sobre a oração ou o jejum, pelos quaes a Igreja concede uma indulgencia?

Nenhuma, porque os mesmos protestantes admittem que são obras boas.

O que lhe desagrade são as esmolos; não nos devemos espantar, porque até Judas Iscariote se escandalisou do gasto que a Magdalena fizera com o balsamo que derramou sobre o Salvador, (Marc. 14, 5)— «porque valia mais de trezentos dinheiros».

Escandalisam-se principalmente de que a Igreja conceda indulgencias aos que fazem alguma esmola em favor do culto, e não podem tragar a da bulla da Santa Cruzada, da bulla dos Defunctos, etc. Mas entendamo-nos: Comprehendem os protestantes o que é tudo isso?

Inteiraram-se já do que entendem os catholicos por—*comprar a bulla?* Saibam que essa expressão vulgar é inexacta e que os catholicos não compram bulla alguma. Contribuem voluntariamente com uma esmola que a Igreja determina, em favor do culto; e em virtude d'esta boa obra a mesma Igreja lhes concede algumas graças e favores, como são: o perdão da pena temporal a que estavam sujeitos por suas culpas, usando para com elles de indulgencia; a dispensação de alguma outra obra a que estariam obrigados por suas leis, como por exemplo: a abstinencia de carnes em certos dias determinados, etc. Que ha n'isto de inconveniente? Não leram nunca na Biblia aquelle preceito—Resgata teus peccados por meio de tuas esmolos (Dan. 4, 24). (Reparem bem no capitulo que citamos, porque sabemos muito bem que elles tiraram da Biblia dous capitulos de Daniel, mas esses foram o 13 e o 14). Julgarão os protestantes que a esmola só póde ser feita aos pobres, e que a Deus não é agradavel a dedicada ao esplendor do seu culto? Se se dessem ao trabalho de ler a Biblia, veriam que Deus reprehendera o povo de Israel, porque—«Habitando em ricos palacios se descuidava do seu templo (Aggeu 1, 4), indicando-lhe que —trouxessem madeiras e lhe edificassem seu templo, porque assim seria glorificado» (Ibid. 8). Mas é inutil fallar-lhes d'isto. Os protestantes têm seus fundos da—sociedade biblica,—para imprimir—Biblias mutiladas—e distribuil-as a torto e a direito, e... isto lhes basta.

Ide agora fazer-lhes comprehender o que seja—comprar a bulla—se elles só sabem vender as Biblias!

## XX

### OS PAPAS INVENTARAM RITOS DESCONHECIDOS NA BIBLIA COMO O DE UNGIR OS ENFERMOS.

Temos outra! Desconhecida na Biblia a Extremaunção? Terão porventura olhos os protestantes? Se os tem abram-os e leiam

em Santiago Apost.—Algun de vós cáe enfermo?.. Chame os presbyteros da Igreja que orem por elle, e o *ungirão com oleo*; a oração da Igreja salvará o enfermo, e se estiver em peccado ser-lhe-ha perdoado (Jacob. 5, 14). Não foram pois os papas que inventaram a Extremaunção, os Apostolos a mandaram como um preceito divino, por conseguinte é um sacramento instituido por nosso Senhor Jesus Christo.

## XXI

### O CLERO CATHOLICO FAZ NEGOCIO, GANHANDO BOM DINHEIRO NAS MISSAS, BAPTISMO, ENTERROS, ETC.

Se os padres catholicos tivessem á sua disposição os pingues cofres das sociedades biblicas, não necessitariam de nada d'isso para viver. Comtudo, se recebem esses emolumentos, tem direito a fazel-o porque a Biblia diz claramente: Não sabeis que os que trabalham no Santuario, do Santuario comem; e os que servem ao altar do altar se devem alimentar? Assim Deus ordenou que os prégadores do Evangelho vivam do Evangelho (1 Corinth. 9, 14). Porém aqui se manifesta a boa fé d'esses—«pastores»—, que dizem, que não losquiam, como nós, as suas ovelhas. Se os sacerdotes catholicos recebem estipendio por seu ministerio gritam—simonia, simonia! e em quanto aos frades que (por seu voto de pobreza) não recebiam ou não pediam emolumentos os accusam por causa de suas—«riquezas fabulosas!» E elles? Oh! elles não, quer recebiam rendas dos bons beneficios anglicanos, entre os quaes o vigario mais pobre tem rendimento superior ao d'um Arcebispo entre nós, quer vivam a expensas da sociedade biblica, elles e suas familias!

(Conclue.)

PADRE RADEMAKER.

### Palestra de um secular ácerca do clero

M. de Talleyrand, filho côxo de Voltaire, tinha ainda mais espirito do que seu papá; um espirito de inferno! é o termo que se emprega para dignamento louvar essa intelligencia aguda e tortuosa onde houve um pouco de bom e muito de mau. Entre os innumeraveis «ditos espirituosos» que lhe attribuem ha um que não é bem referido pelos chronistas: «Sobretudo nenhum zelo!» Repetiram-o milhares de vezes.

Esta palavra foi dita, segundo os «Annaes» nos primeiros dias da restauração, aos empregados reunidos dos negocios estrangeiros. M. de Montbel, ministro de Carlos X, contava a cousa de outro modo. Segundo elle, no primeiro conselho que

houve depois da entrada do rei, M. de Talleyrand disse a seus collegas: «Nenhum zelo! Temos tempo». Este resmungar do scepticismo me tem feito muitas vezes reflectir. Ha um espirito que consiste em deshonrar as grandes palavras; que faz rir a todos aquelles a quem as grandes cousas enfadam. Não procureis n'outra parte a origem de certos escriptos litterarios que assombram o bom senso publico. Antes da guerra o primeiro tolo que surgia no theatro, divertia magotes de gente honesta, durante cem representações consecutivas, zombando do nosso exercito, e houve livreco que só conquistou triste voga prestando um vestido de carnaval á virtude, este espantalho dos tratantes. Recordais-vos de Chauvin o grutesco?... Recordais-vos de que Chauvin não era grutesco senão porque fallava demasiado de gloria e do patria? Ah! os «homens de bem» inimigos das grandes cousas! Quem poderia dizer tudo o que elles mataram no nosso paiz?

O proprio Deus se presta ao riso idiota. Aprende-se a blasphemar por calculo e para conseguir certos fins... D'este modo vae-se longe. A epizootia desce da burguezia ao povo e toda a caricatura que suja um padre ou que o garrota vende-se aos milhares e milhares de exemplares com approvação e privilegio de... de quem?

Tem as caricaturas razão d'assassinar o padre e de o caluniar, porque o padre despedaçal-os-ha aos seus auctores.

Elle é immortal sobre a terra e o triumpho diabolico só tem um tempo. O padre tem passado por muitas ontras! O imperador Diocleciano, a acreditarmos a sua historia, não valia muito mais do que uma republica voltariana e as feras de seus cirros tinham o dento quasi tão feroz como os nossos jornaes comicos. Entretanto Diocleciano morreu, elle que tinha altares superiores a qualquer mostrador, e os martyres que dava aos seus leões vivem.

Em nossos dias os leões tornam-se curiosidades que se mostram por dinheiro, mas os chacoes pullulam... Atravez de todos os nos-os chacoes da pena os padres vão e oram.

Vivem, e tractam intrepidamente a nossa doenca que parece incuravel e que elles curarão.

Tem o zelo que Talleyrand não queria, porque *tinha tempo*: tem a resignação que o nosso orgulho confunde quasi com a frouxidão e tem a paciencia, virtude divina, reservada para aquelles que desprezam o tempo de Talleyrand, porque a eternidade de Deus lhes pertence.

Mas só tem isto? Sem duvida acima de tudo tem a fé que levanta os mundos, e ainda acima d'ella, a esperança a que nada resiste, e ainda mais acima, se é possível subir mais alto, tem a invencivel caridade. Nada temais quanto a ellos.

Fiz outr'ora a viagem de Tours, aonde ia ajoelhar-me deante do tumulo do soldado S. Martinho. Tinha por companheiros de wagon um advogado, um medico, um joven capitão do nosso exercito, peregrinos como eu, e um irmão da doutrina christã; depois uma senhora e suas duas filhas, cujo vestuario era d'uma extrema simplicidade. Havia em outros compartimentos po-

regrinas bastante elegantes. Não é um peccado. Sómente, estas eram o que ajuda se chama senhoras da nobreza, e as ditas senhoras da nobreza cederam a elegancia dos seus alamares ás suas lavadeiras. Ha n'isto talvez a atomosinho de orgulho.

O advogado era um bom rapaz, consideravelmente fallador, que tinha o espirito cheio d'um duello politico recentissimo, cujos pormenores ainda não eram bastante conhecidos.

—Este Gaudissart, dizia elle, é extremo em tudo. Viu-se já mais cousa semelhante? bater-se uma pessoa á queima-roupa! com pistolas carregadas cada uma com tres ballas explosiveis, como aquellas de que se servem para caçar rhinocerontes! Quando ha posição! milhões! talento! cavallos!... Capitão, approvaes o duello?

—No nosso estado, respondeu o joven official, é-nos difficil dar opinião sobre isso. Como christão, reprovoo absolutamente, segundo a lei da Igreja, mas ha casos particulares, entre deputados, por exemplo, quando se batem á espada a dez passos ou á pistola ao alcance de canhão...

—Mas á queima-roupa, capitão, á queima-roupa! com ballas fulminantes!

—E não saltaram logo os miolos aos dous infortunados? perguntou o caro irmão professo, com medo.

—Bem vedes, respondeu o advogado, que as testemunhas não permittiram uma tal carnificina. Gaudissart, por mais que fizesse o papel do diabo, devia *satisfazer á honra* por preço justo ou ainda mínimo. Mas jurou que no seu proximo duello se assistariam duas metralhadoras! E' uma natureza de lava!

—E' um homem desgraçado, disse o irmão. Oramos bem por elle, porque não tem mau coração. Seu ultimo discurso nos expulsou de nossa pobre casa e nossos meninos estão sem mestres, porque os paes não querem o instituidor que nos substituiu...

—Sois de Blois? disse o advogado. Soube vagamente essa historia.

O medico que ainda não tinha fallado, disse:

—Estas cousas succedem n'outros lugares sem serem Blois. Eu vos conheço, meu caro irmão: sois de... onde tenho a minha caça de campo...

—O vosso palacio, é verdade, senhor doutor.

Um medico que tem um palacio inspira consideração a toda a gente. O advogado olhou para o doutor com interesse, tambem a boa senhora e as duas meninas; o capitão e eu que já eramos um par d'amigos, cessámos de conversar para escutar. O medico continuou:

—Meu caro irmão, o anno passado, não gostava muito de vos.

—E' verdade, senhor doutor, e vós nol-o provastes.

—Quando viestes dizer-me que o conselho municipal vos retirava a vossa subvenção eu vos recusei os 200 francos que me pedioes.

—Senhor doutor, não me deveis nada.

—Meu irmão, enganai-vos. Nunca fui incredulo. Contrariamente a muitos de meus eminentes companheiros, que negam a alma por nunca a terem encontrado sob o seu escarpelo dissecando os corpos, con-

tento-me com sentir a minha em mim, como sinto Deus acima de mim, e eis que já ha muito tempo que sou um christão tal qual; portanto devia-vos muito; mas tinha esta opinião que todas as cousas n'este mundo devem ser independentes e viver por si mesmas.

—Era muito bom de desejar, senhor doutor, observou o irmão, e antes do despejo dos bens do clero, todas as cousas da Igreja viviam assim.

—Era bom de desejar? repetiu o medico pondo dobrado ponto de interrogação no fim de sua phrase. A questão é ociosa na apparencia, porque os que tomaram não restituirão; mas vejamos, meu irmão! E' contudo necessario que os pobres homens como eu, accumulados na terra dos beneficios da Providencia e adormecidos n'esta ingratidão a que chamam indifferença, tenham um meio de se converter. Esse meio é a esmola.

Isto foi dito de boamente, e pela segunda vez olhámos para este caro homem, cujo rosto estava esclarecido por um visível enternecimento.

—Senhores, continuou dirigindo-se de esta vez a todos nós, não se passou ainda senão um anno que eu pensava assim, e eis-me peregrino do tumulo de S. Martinho. Os caminhos de Deus parecem muitas vezes tortuosos; desviam-se completamente da direcção ordenada pela mathematica. Ha pouco fallaveis d'um honrado cidadão que cantou a trinta e cinco passos a sua grande aria de bravura, e que em lugar de tirar d'ella qualquer applauso, levantou apenas uma grande risada. A cousa não acabará por aqui, porque nos mudaram tudo em França, mesmo as puerilidades do falso pundonor; mas, ha vinte annos, um homem seria morto pelo tiro d'essas pistolas, a essa distancia e por essa «ordem» que manda ás balas perderem-se na patria das cotovias. Hoje até o duello é uma farça, e um pseudonymo de fanfarronice.

—Pois bem! eis a historia de toda a manobra, e tambem de todo o excesso, de toda a injustiça e principalmente de toda a perseguição: tudo isto mira á direita e dispara á esquerda, como certos canhões que não matam senão seus artilheiros. Só duas cousas continuam a andar direito, e são capazes de nos defender contra desgraças que devem certamente vir e mudar-se talvez em bem, á custa de terriveis soffrimentos: o exercito e o clero; quasi diria antes o clero e o exercito, porque é o clero que está na vanguarda e recebe os mais duros golpes. Sobre suas costas bate-se a França das familias, a verdadeira, a unica França. O exercito proteger-se-ha bem só, e de mais nós nada podemos fazer a tal respeito. O clero é o que está em apuro. Como a bravura do padre augmenta com o nosso perigo, como a sua obra se estende á proporcção dos obstaculos que se lhe oppõem, como trabalha para nós, bem como ora e padece por nós, vou ter com elle. Era hontem a opposição em minha parochia; hoje souum clerical decídido, porque, por habito de officio, tomei o pulso a patria e não achei senão um remedio a seu mal: o socorro de Deus.

Houve um momento de silencio, depois do que o advogado disse:

—Pois bem! doutor, meus parabens! Tendes a palavra muito facil, para qualquer

que não é do fóro, nem da camara. Eu não sou clerical, nem peregrino por enquanto; mas convidei o meu cura a jantar comigo a semana passada; foi a primeira vez depois do meu casamento. Será por causa do discurso de Romans? Bem pôde ser, e parece-me, mesmo ter dito em alguma parte que o tal discurso era uma ineptia grande como o ballão captivo das Tulherias. Se por causa d'isso me querem alcunhar de jesuita, pouco se me dá.

O dialogo continuou; todos tomaram parte n'elle excepto as duas meninas, porque até a boa senhora de quem fallámos disse a sua palavrinha. Vinha de Pariz, onde a generosidade dos particulares é obrigada a sustentar as Irmãs de S. Vicente de Paulo, abandonadas pelo concelho municipal. Quem diz Irmãs diz pobres; os pobres vão fatalmente ter com as pessoas que os esmagam e esfaínam, como certos passaros se vão meter na bocca da serpente. Mas as Irmãs vivem apesar do concelho municipal e dão pão aos pobres que amam o concelho municipal. A boa senhora teria podido dizer-nos como se realisa este milagre: a perseguição brada pela esmola.

Pela sua parte o joven capitão asseverou que desde as novas leis sobre o monte-pio militar havia um certo movimento de fervor no exercito: os soldados amam a Deus a quem se persegue!

—Que o diga eu, interpellou o official concluindo: era christão e hoje sinto-me religioso.

Não era a minha propria historia que eu ouvia ao reflectir n'este dialogo? A perseguição converte!

O doutor F. não me auctorisou a citar o seu nome illustre, calo-o. Como estivessemos já perto da estação de Tours, disse-nos: A nossa terra é banhada por grandes rios, ribeiras e regatos. Toda a semente n'ella brota por causa d'elles, e sem elles teriamos a fome e a morte. E' a imagem do clero, a frente do qual sob a auctoridade do papa, combatem magnificos espiritos, mandando a leaes intelligencias, que mandam a humildes e fiéis dedicacões: grandes rios de doutrina, bellas ribeiras d'ensinos, limpidos regatos de sinceridade e bons exemplos, que impedem o mundo de morrer; não fallo nem mesmo das precos das virgens, nem do suffragio dos santos. O clero «improductivo», como dizem os economistas da materia e os inglezes, não fabrica nada, é verdade, não vende nada e compra pouco, mas dá immensamente, porque, graças a Deus, também recebe; combate, instrue, revindica, salva, e sob o ponto de vista da saude moral, é a verdadeira sede de nossas arterias e de nossas veias, que levam ainda o calor do coração social as suas mais intimas extremidades. Sem o clero, desde o bispo (mitrado e armado de baculo), que tem genio e poder, até ao humilde vigario de campo, até ao pobre irmão da doutrina christã, que não come todos os dias, o corpo social cahiria em decomposição, porque o sangue e a vida já não circulariam ahí... E esta! meu irmão, eis-vos na gure: então não pedis esmola?

O irmão sorriu, olhando para a nobre dama e para as duas meninas, que desde muito tempo lhe tinham passado discretamente a sua offerta. O doutor apertou com

respeito a mão que lhe estendiam e largou n'ella um bilhete de banco: os outros fizeram o que poderam. Tinhamos chegado.

Eu que ainda não fallei desforro-me acabando, e digo: «Christãos, defendei o clero que vos defende; fazei viver os padres que vos fazem viver; dai, multidões attentas à sua eloquencia, dai milhares de leitores, às obras do seu genio. Cotisai-vos para prodigalisar aos pequeninos a liberdade que já lhes escapa. Christãos, vos sois o numero, a força e a riqueza. Dai dinheiro à esmola dos padres que só vai à necessidade real; apinhai-vos em torno da parochia ameaçada, amparai-a. E' a vós mesmos que dais, não somente segundo a palavra de Jesus, que vol-a restituira centuplicadamente, mas ainda mesmo segundo o calculo da prudencia humana. Guardai vossas fileiras e cerrai-as! Desgraçado d'aquelle que deixar penetrar aavez d'ellas! Cada irmã de caridade que cae desfallcida, cada irmão *ignorantino* que succumbe à perseguição da miseria faz uma brocha na vanguarda de vosso exercito, e é por ahí que a vossa morte pôde passar. Cerrai-vos!»

PAULO FÉVAL.

(«Amigo do Clero.»)

## SECÇÃO LITTERARIA

### A educação religiosa na familia e na escola.

(Conclusão)

Na Russia onde o adiantamento das industrias e das sciencias é tão notavel, existe um ministerio de instrucção publica, creado em 1802, porém só em 1868 se fundou a primeira escola normal primaria. Vê-se portanto que tudo quanto a Russia deve a instrucção publica teve por origem os esforços da familia e a educação religiosa de que o clero só não descurou nunca. Em 1864, segundo os dados que encontramos em *Schnitzler*, existiam ainda na capital 854 preceptores domesticos e 479 mestres particulares. As escolas propriamente ecclesiasticas sobem n'aquelle paiz a 8:587 e são frequentadas por 320:350 alumnos, aproximadamente. Eis o elemento religioso na familia e na escola, engrandecendo a Russia o protogendo o seu movimento no trabalho glorioso da industria e da sciencia.

A Inglaterra quasi tem confiado exclusivamente ao espirito religioso e ao amor e zelo das familias a educação primaria e a missão de formar o coração das creanças. A frequencia às escolas primarias é somente obrigatoria nas *workhouses*. N'aquelle paiz classico da liberdade, no principado de Galles, como no resto do Reino Unido, depois da instituição do *board of education* em 1839 com 30:000 libras sterlingas de subvenção, foi determinado em 1863 que aquella importancia fosse distribuida, como premio, aos alumnos que melhor satisfizessem aos exames annuaes, isto para recompensa aos paes, cujo zelo

natural pela educação moral de seus filhos sobreleva a todo o ensino sob a direcção da auctoridade publica. E todos sabem o escrupulo religioso com que é cuidada a educação do povo inglez, qualquer que seja a igreja em que se contemple aquella nação em tudo original e grande.

Na Allemanha, onde é notavel a educação da familia, e onde as sciencias tem progredido com mais generalidade que em todos os paizes do mundo, o ensino primario tem como base o ensino religioso. Toda a sua vigilancia pertence aos ministros do culto, que são de direito membros das commissões escolares. O clero catholico é pela lei chamado para aquellas commissões, e é eleito quasi sempre para a presidencia d'ellas.

A Prussia, apesar de todos os esforços dos partidos liberaes e revolucionarios, não excluiu ainda hoje das suas escolas o ensino religioso. Até 1736 não existia na Prussia senão o ensino religioso e domestico, e a Prussia progrediu a par das nações mais civilizadas. O que a tem adiantado até ao presente é obra do mesmo systema de ensino, por que se Guilherme I lançou então os fundamentos ao ensino official primario, ainda não foi possivel codificar a legislação sobre o ramo da instrucção popular; nem contra o ensino religioso, até agora seguido, nada ouzou determinar o *Allgemeine Landrecht*, que ainda é o codigo geral da Prussia, promulgado em fevereiro de 1794.

A Belgica torna ainda mais frisante a utilidade do ensino religioso, tanto na familia como na escola. A lei de 1842, que obriga os municipios a sustentar escolas primarias para pobres, dá aos pais o direito de reclamarem esse beneficio. A inspecção das escolas tem o character civil e ecclesiastico; o primeiro, em nome do Estado superintende na manutenção da ordem e das garantias civis; o segundo, sob a direcção dos bispos tem por fim dirigir a educação moral e religiosa, com attribuições de reclamar do ministerio do interior todas as medidas de protecção, que é necessaria e é dada a tal ensino.

Ainda mais, se não basta o que vemos que se passa entre os primeiros povos da Europa, é o exemplo que nos offercem os Paizes Baixos, como a primeira nação na ordem das mais adiantadas no ensino publico. Alli entende-se pela lei de 29 de junho de 1857, § 23, que nenhuma educação intellectual convem que qualquer creança receba, sem que haja tido na casa paterna ou na Igreja a necessaria educação religiosa. E' assim que a alludida lei prescreve expressamente *que não sejam admittidos nas escolas individuos, que não estejam perfeitamente educados nas virtudes christãs e sociaes, (opleiding tot alle christlyke en maatschappelyke en maatschappelyke deugden)*. Só em face d'esta disposição de lei, que dá a primasia à educação religiosa, foi que se prohibiu todo o ensino dogmatico nas escolas do governo, sem contudo a mesma lei deixar de permittir e de garantir as escolas de cada Igreja, independentes e livres de toda a acção dos poderes publicos.

Outros paizes têm pouco mais ou menos idênticas instituições no ensino, cuja

base é a educação religiosa. Portugal seria unico, é já unico, no desleixo religioso com que é educada a infancia.

Por mais desenvolvido e adiantado que seja o programma do ensino litterario e scientifico, é mais que certo que elle não educará nunca o homem para a familia, para as virtudes christãs, e por consequente para a sociedade.

Portugal, cuja população talvez hoje exceda a 4.400:000 habitantes, tem apenas, segundo estatisticas que temos presentes, 20:000 protestantes, na maioria estrangeiros, e 5:000 hebreus. Quando mesmo oficialmente se houvesse de estabelecer a liberdade de cultos, estaria em contraposição com ella vedar-se ao ensino de 4.375:000 catholicos a educação religiosa que sempre tiveram, e que continuam querendo receber. A lei que tal estatuisso seria vexatoria sobre ser revolucionaria, insensata, anti-patriotica e inhumanitaria.

E apesar de tudo não seria para temer tal lei, se a educação na familia não estivesse em Portugal, perdendo de dia para dia aquella unção, que outrora teve, aquelle dom que fez heroes para a patria, celebridades para as sciencias, e boas mães para a felicidade domestica.

Em nenhum paiz a mulher soube mais e melhor ser esposa e mãe, o verdadeiro anjo do lar, quando não eram objecto de mofa as doces praticas religiosas no seio das nossas familias.

Hoje é bem outro o quadro do lar domestico entre nós.

Na França, onde ha um seculo a revolução está triumphantemente propagando as suas fataes doutrinas, não são, ainda assim, tão notaveis como em Portugal os progressos do mal que tem por origem o abandono das virtudes domesticas. Os divorcios por exemplo, são calculados em França na proporção de 6 por 1:000 casamentos. Em Portugal e principalmente nas capitães, podem nos ultimos annos, depois da promulgação do Codigo Civil, ser calculados, termo minimo, em 6 por 100 casamentos!!!

O suicidio, que é o desprezo da existencia, e que não encontrava na sciencia nem nas leis liberaes as condemnações que tem nas leis religiosas ou a conformidade e resignação com que as grandes desventuras, sua origem mais vulgar, deparam na oração e na fé, não menos está demonstrando os males, que a falta de educação religiosa tem produzido, principalmente nas capitães, onde ella é mais abandonada.

Ao tempo em que Adolfo Wagner escreveu a sua obra (*Die Gesetz massigkeit*), attribuia a Portugal a proporção de 7 a 8 suicidios por cada milhão de habitantes, isto é, aproximadamente 32 suicidios cada anno.

E' porém certo que nos ultimos annos, pelas noticias publicadas nos ornaes vemos que só em Lisboa, onde é moda não ter religião alguma, ha aquelle numero de suicidios annualmente; grande desproporção com o que acontece pelas provincias, onde ainda felizmente predomina o espirito religioso.

Ora se este abatimento moral, que tende a propagar-se, se estender por todo o paiz na mesma proporção, attendendo-se que Lisboa tem aproximadamente 300:000 habitantes, obteremos uma cifra de 96

suicidios para cada milhão de habitantes, numero superior ao dos suicidios na Noruega, que é um dos paizes que mais se avantajam na monomania suicida.

Querois ainda outra prova moral em favor da educação religiosa na familia? Buscai-a no adulterio. Ide de cidade em cidade, de tribunal em tribunal, e vede com que razão justa Engel (*Jahrbuch—Dresde, 1854*), observou que os crimes de adulterio são incomparavelmente mais frequentes nas classes liberaes e operarias, nas quaes maior carencia ha de educação moral e religiosa.

Digamol-o, pois, francamente n'esta linguagem facil e clara do quem falla para todos: o que a revolução está preparando em Portugal é a mais completa dissolução nos vinculos sacratissimos da nossa existencia social. Demonstram-n'o a saciedade os factos á medida que se vão multiplicando.

Não podemos ir buscar á historia luz para medirmos com precisão o alcance das futuras desgraças, por que ainda não existiu povo que tão precipitadamente se lançasse no declive da decadencia moral. Basta, porém, o bom senso para se ver que estamos a curta distancia do abysmo.

De encontro a tão manifestos males, cremos que existe apenas um meio efficaz; é o zelo do clero e o amor das mães: a catequese do pulpito e do confessorario nas exhortações aos chefes de familia, e a dedicação nas virtudes domesticas da parte dos que têm essa grave responsabilidade.

Cumpra o clero o seu dever, satisfaçam as mães a sua missão, que o triumpho será por Deus e pela humanidade, pela patria e pela familia.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

## DOROTHÊA E THEOPHILO

OU

### OS DESPOSADOS DO CÉO.

(ROMANCE)

(Continuado do n.º 16)

Esse homem, comtudo, impunha respeito aos assistentes. Tinha as barbas compridas e maltratadas, o corpo macerado pelos jejuns, os olhos fatigados pelas lagrimas e pelas vigílias. A nudez de seus membros inspirava antes veneração do que repugnancia. A multidão julgou sem duvida que elle, para se atrever a distrahir-a de seus prazeres, devia necessariamente estar investido d'uma missão dos deuses, e prestou sua attenção por um momento.

—Raça sedenta de sangue, disse o solitario, porque vais tu buscar ao interior da Asia os tigres e as hyenas? Desce tu mesmo á arena, que as excellerás em ferocidade. Ouve: eu sou Gordo, outr'ora centurião nas hostes do imperio; passei a minha brilhante mocidade no erro e no peccado, e para o expiar gritei e chorei pelo Senhor durante vinte annos da minha existencia. Vivia ignorado no meio dos desertos, mas chamou-me o grito de perseguição, e vim.

Povo, peço-te o favor do teu desagrado. Quero morrer com meus irmãos para ir viver com elles no céu!

Para responder a estas palavras ousadas e sublimes a multidão enfurecida não teve senão um grito:

—A's feras o impio! Venha Gordo para a arena!

Então, segundo as formalidades prescriptas, um arauto appareceu no amphitheatro, e, no meio dos applausos e gritos de raiva da assembleia, proclamou por tres vezes esta declaração, que resumia em si mesma toda a especie de jurisdicção:

—Gordo confessou que era christão!

—Morra! gritou o povo, e morram com elle todos os inimigos do Estado e dos deuses!

Mas em quanto o santo penitente era conduzido á arena para tomar lugar na fileira dos martyres, outra voz, voz doce e firme, se fez ouvir, como uma melodia extraordinaria, por todo o amphitheatro attento.

Era a voz de Dorothêa.

—Eu tambem sou christã; dizia ella. Povo, eu não vim aqui, como tu, para ver com indiferença correr esse sangue abençoado, mas para com elle misturar o meu. Não ves que venho preparada como uma victima para o sacrificio?

A estas palavras de Dorothêa a multidão ficou interdita; não sabia se devia dar credito a seus ouvidos e se o echo a não enganava.

Houve um momento de silencio aterrador. Não se ouvia senão os rugidos das feras que, passeando nas abobadas de pedra dos corredores, espalhavam pelo amphitheatro sinistras emoções.

O governador Fabricio, pallido de terror, lançava alternadamente os olhos espantados para Ephrem, depois para o logar do honra onde estava Modesto, prefeito do pretorio, que Maximiano Hercules enviára em visita ás provincias do Imperio para atear o fogo da perseguição. A figura descontente do prefeito inspirava-lhe extranhos terrores pelo seu credito e segurança, pois ninguem ignorava que aquella donzella que tão altamente se declarara christã, estava em vespas de entrar na familia do governador.

Theophilo aterrado não pensava senão no perigo a que heroicamente corria aquella que elle muito amava. Sabia que fóra ella mesma que acabava de pronunciar a sua sentença de morte, e que essa sentença a separava d'elle para sempre. Pallido, respirando a custo, tentava suspender as palavras nos labios de Dorothêa pondo-lhe a mão na bocca.

—Tu mentes, tu mentes; lhe disse elle. Tu foste creada e educada no culto dos nossos deuses e na obediencia aos divinos imperadores. Tu és a minha noiva, a minha esposa. Portence-me. Povo, ella mente! Ella nunca recebeu a unção dos christãos.

—A minha filha está louca! exclamou Ephrem com desespero. Desde hontem que mortificada por não sei que espirito infernal que lhe tirou o nobre uso da razão. Senhor, não a julgueis por suas palavras insensatas! Tende piedade da minha velhice, e não me priveis da unica filha que tenho!

Embora já muitas vezes se tivessem dado scenas d'esta natureza nos actos dos nossos martyres mais celebres, a situação era tão commovedora, de interesse tão palpitante, que o povo não poude conter um movimento primario de sympathy, que legitimava aliás a geral consideração e benevolencia concedida desde muito tempo a Ephrem, em razão da sua notoriedade e seus muitos serviços.

Mas esta impressão não dominou por muito tempo o animo do povo. Dorothea mesma pôz immediatamente fim a esse bello capricho da misericordia, que acabava de surprehender por acaso aquella turba embotado e cruel.

A donzella deitou pela arena um olhar intrepido. Contemplava-a com admiração um joven christão chamado Procopio, um dos tres que tinham sido amarrados ao poste, e orava ao Senhor para que acabasse n'ella a sua obra. Julitta moribunda estendia-lhe os braços e fallava-lhe de longe aquella linguagem eloquente da graça, que não precisa de gestos nem de palavras humanas para subjugar os corações mais duros e domar os espiritos mais orgulhosos. N'este mysterioso colloquio comprehendeu a santa martyr que o bello immutavel e increado se tinha revelado aquella alma, se apoderára d'ella e a librara ás regiões eternas, e que o corpo de Dorothea que ali estava presente tinha pressa de se unir á alma já arrebatada. A alegria d'esta victoria esgotou as forças de Julitta. A santa caiu sobre a areia e rendeu seu doce espirito.

Dorothea afastou lentamente de sua amiga seus bellos olhos enxutos, radiantes de esperanças da immortalidade, e fixou-os na assemblea.

—E' verdade, disse ella, é verdade que não recebi o baptismo; mas Deus que nos salva e regenera em Jesus Christo, dignasse de conceder ao nosso sangue derramado em seu nome a mesma virtude que concede á agua santa. Eu espero o baptismo de sangue.

—E has-de tel-o! exclamou o prefeito do pretorio, se essas tuas palavras são de teu coração pervertido e não de teu espirito demente. Mas eu não posso crer que n'este momento gozes do livre exercicio da tua razão. E' impossivel que sacrifices tanta mocidade e belleza a essa doutrina extravagante que annulla completamente no homem o ser phisico. Deixa essas loucuras áquelles de quem a mocidade fugiu já e que nada têm que esperar do futuro, e goza da vida como tão favoravelmente t'a concederam os deuses.

—Accusam-me, respondeu Dorothea, de não ter o uso da razão; mas tu é que o não tiveste nunca, se podes attribuir á idolos de pau e de pedra a obra da Providencia, e de lhes reconhecer a faculdade de dispôr, por um dia sequer, do nosso destino. Esta religião que tu blasphemias não annulla de modo algum em nós o ser phisico; mas submete-o ao espirito dominado pela graça e pela acção incessante de Deus sobre nós: se formos fieis a esta graça, ella pouco a pouco nos eleva até Deus. São estas as glorias de nós outros christãos. As glorias do vosso Olympo não são senão a imagem grosseira d'aquella dignidade primitiva do homem decaído, reconquistada pelos merecimentos do

Christo e pela felicidade de seguirmos os seus caminhos.

A donzella foi interrompida pelos murmúrios do povo e pelos soluços de Ephrem, que, de joelhos aos pés de sua filha, lhe extendia os braços supplicantes. A angustia d'este pobre pae era immensa. O prefeito contemplou-o por um instante; depois dirigindo-se a Dorothea, lhe disse:

—Se não tens piedade de ti mesma, attende pelo menos a teu velho pae. Cede a suas lagrimas, e não deshonres seus cabellos embranquecidos pelos trabalhos e pelos cuidados do seu muito amor para contigo.

Dorothea abaixou os olhos sobre o velho, e o seu primeiro movimento foi de lhe abrir seus carinhosos braços, que tantas vezes lhe deitara ao pescoço nos dias felizes de sua infancia; mas a graça fez calar n'ella a natureza. Duas grossas lagrimas lhe brilharam nas palpebras, depois resvalaram-lhe pelas faces e foram cair como pedrolas sobre a cabeça inclinada do velho.

Dorothea respondeu:

—Se mães tem havido com a coragem de offerrecer a Deus a vida de seus filhos; posso esperar tambem de meu pae a mesma magnanimidade. Isto é-lhe um sacrificio, porque elle ainda vive nas trevas. Mas a luz se revelará um dia, e então elle deixará de chorar, porque saberá que eu o espero no céu.

—Insensata! murmurou o juiz.

—Vós bem vedes, disse Theophilo, n'um transporte de raiva e de ternura, vós bem vedes que ella perdeu a razão. Ella blasphema dos cultos da sua infancia, e já se não lembra d'este pae que a amava tanto! Nem a mim, seu irmão, seu desposado, me reconhece já!

A afflicção de Theophilo era tão verdadeira, tão desinteressada de todo o pensamento pessoal, havia nas suas palavras uma tal expressão de dor, que o prefeito ficou commovido e, em attenção a elle, começou a olhar com alguma benevolencia para o desgraçado Fabricio, que se não movia nem sabia já com que deuses se devia pegar.

O governador mais tranquillo por esta repentina mudança, apressou-se de aproveitar a occasião para restabelecer o seu credito abalado.

—Senhor, disse elle levantando-se, não suspeiteis da minha fidelidade pelo que tendes ouvido. Certifico-vos que aquella donzella não era christã quando pedi a sua mão para meu sobrinho; declaro porém hoje que todo o projecto de união entre elles está desfeito para sempre.

O prefeito do pretorio não se dignou de responder a esta covarde protestação. Theophilo, porém, saltou como um leão ferido, e todo o nobre sangue de suas arterias lhe subiu ao rosto.

—Senhor, exclamou elle, collocando-se diante de Dorothea, prompto a defendel-a com a sua coragem e com a consideração ligada ao seu nome e ao seu talento; o meu odio pelos christãos é de todos bem conhecido, e maldigo-os, sobre tudo n'este dia, em que pelos seus maleficios me roubaram o coração da minha desposada; mas por ella me offerço com todos os meus á vossa cólera. Ella é a minha esposa, o uni-

co bem que possuo sobre a terra; nada poderá separar-nos...

Os olhos de Fabricio chammejavam de raiva. Ia a responder, mas o alarido popular cobriu a sua voz.

(Continúa).

## O clero na camara dos deputados

**Discurso de s. exc.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>  
o sr. dr. Pires de Lima,  
governador do bispado de  
Aveiro,  
na sessão de 14 de maio**

(Conclusão)

A todos os cidadãos que residem em Portugal, a não ser aos criminosos e aos estrangeiros, é permittido tomar parte no governo do paiz. Só o clero constitue uma excepção a esta regra depois da publicação da lei de 6 de maio de 1878, a qual equiparou os padres aos criminosos e aos estrangeiros, visto como não ha corpo algum administrativo, filho da eleição, em que a estes precitos da nação seja permittido o ingresso.

Eu sei que ha muitos que dizem e affirmam que o padre, tendo uma missão especial a cumprir no mundo, deve ser completamente estranho ás coisas publicas.

«Trate das cousas do seu ministerio, mas não trate das cousas da terra.»

Acho bom o principio, mas o que peço é que se applique a todos e com todo o rigor logico.

Quem tiver uma occupação especial n'este mundo, abstenha-se de politica. O medico que trate só dos seus enfermos, o advogado dos seus clientes, o engenheiro das estradas, o lavrador dos seus campos, o industrial das suas fabricas; e a politica virá assim a ser a occupação dos que não têm occupação, a occupação dos vadios, que o código penal manda para a cadeia, e que por esta singular theoria deve mandar para os cargos mais—eminentes da republica *Riso e apoiados*.); ou hão de engeitar o principio invocado contra o clero, ou hão de sentar nas cadeiras do poder quem até agora se sentava nos bancos dos tribunaes.

Sei bom que a missão de padre é toda de paz, e que as exaltações politicas geram odios fundos e cavam entre os homens abysmos largos.

Mas não ha necessidade alguma de entrar em politica pelo modo por que os gladiadores antigos entravam na arena do combate dos circos romanos. Pôde-se entrar em politica, sem esquecer as maximas de benevolencia e caridade que o Evangelho prescreve a todos, e aos ministros da religião mais do que a ninguem.

Pôde-se entrar em politica para discutir idéas e não pessoas, para discutir na região elevada o serena dos principios, e não no terreno mesquinho e escorregadio das individualidades. A politica não é escola de maledicencia para assassinar reputações. *(Apoiados.)*

Quanto a mim o padre, porque é homem e cidadão, pôde e deve pensar na marcha dos acontecimentos publicos, pôde e deve emitir desafogadamente a sua opinião sobre o governo da nação, que não é patrimonio exclusivo de ninguém e que a todos pertence, pôde e deve, emfim, empenhar todos os meios legitimos, decorosos e decentes para que triumphem as idéas que julge mais proficuas para o bem do paiz. (*Apoiados.*)

Se é padre, não deixa por isso de ser cidadão. (*Apoiados.*)

Infelizmente, os principios que inspiraram a lei de 6 de maio de 1878 são muito differentes d'estes que acabo de enunciar.

Em geral os governos e os parlamentos do meu paiz não se têm mostrado muito amigos da classe ecclesiastica, este ministerio menos do que os anteriores, e o sr. ministro dos negocios da marinha e do ultramar, que sinto não ver presente, menos ainda do que os seus collegas.

Os actos de que vou fallar são de tal importancia e de tão grande alcance, que não os considero da responsabilidade exclusiva de s. ex.ª

São e devem ser da responsabilidade collectiva do governo, e por isso me refiro a elles desassombadamente. O governo está representado, o governo pôde responder aos meus reparos.

No principio d'esta sessão o sr. Tomaz Ribeiro apresentou n'esta casa uma proposta de lei tendente a melhorar a administração da Guiné. N'essa proposta trata-se de tudo, da elevação d'essa colonia á categoria de provincia, da elevação do governador de districto a governador geral, de batalhões, de armas de artilheria, emfim, falla-se de tudo menos de padres. A este respeito nem uma palavra. E, contudo, como n'esta casa ponderou mui sensatamente um dos nossos collegas que está presente, e que mais honra este parlamento, o sr. dr. Bocage (*Apoiados*), nós não podemos tratar seriamente de melhorar as condições d'aquella ou das outras provincias ultramarinas senão empregando como auxiliar, e auxiliar indispensavel, o missionario.

O sr. *Sousa Machado*. — *Apoiado.*

O *Orador*. — Infelizmente, porém, n'aquella lei, que teve por fim melhorar as condições de administração na Guiné portugueza, falla-se, como disse, de tudo menos de padres.

Mas o peor ainda está nas propostas de lei relativas á India. Antes de se apresentarem essas propostas de lei á camara foi nomeada uma comissão em Goa: uma comissão para estudar as necessidades d'aquelle territorio portuguez. N'esta comissão estavam representados todos os differentes elementos sociaes d'aquella provincia ultramarina.

Faltou, porém, um. E sabe v. ex.ª qual foi? Foi o elemento ecclesiastico.

Contudo eu creio, que na India havia muitos padres respeitaveis que pelas suas luzes e competencia, podiam dar indicações apreciaveis ao governo da metropole e alumiar-lhe o caminho a seguir para que o governo formulasse medidas convenientes e uteis adaptadas áquella nossa possessão.

E quando outros não houvesse, havia e ha um, cuja apologia foi feita pelo sr.

ministro da marinha e ultramar, na outra casa do parlamento, o illustre arcebispo de Goa, que não foi consultado, ou que pelo menos não consta oficialmente haver sido consultado. E tanto é mais de admirar esta falla quanto nas propostas de lei apresentadas n'esta casa se trata de assumptos que dizem respeito directamente á classe ecclesiastica, como, por exemplo a criação de freguezias novas.

No continente, pelo novo codigo administrativo, não pôde haver alteração alguma na circumscripção parochial, sem o accordo entre o governo e o respectivo prelado diocesano.

Mas o sr. ministro da marinha não hesitou em vir apresentar a esta camara uma proposta de lei para a criação de novas parochias na India, sem consultar o illustre arcebispo de Goa!

Mas ha mais alguma couza.

No projecto propõe-se a desamortisação de bens pertencentes á igreja.

Pois, cousa notavel, n'um assumpto da mais subida importancia para a igreja, que immediata e directamente lhe interessa, e sobre o qual devia ser ouvido ao menos o illustre arcebispo de Goa, o governo não se lembrou de consultar a nenhum membro do clero indiano. Se consultou, não me consta isso oficialmente, nem o relatorio que precede a proposta de lei, menciona semelhante circumstancia.

Mas ha mais.

Quando se trata das propriedades da India que pertencem á nossa igreja do Oriente, o sr. ministro da marinha não hesitou em propor a sua venda, com excepção apenas de algumas, mui poucas; mas quando chega diante dos pagodes, pára e diz: «n'isto não é conveniente tocar.» De modo que na India, sob o consulado regenerador, mais vale ser mouro do que christão. (*Riso.*)

Todas estas considerações que tenho apresentado provam que, nem os governos d'estes ultimos tempos, nem especialmente o governo regenerador, morrem de amores pelos padres.

E a camara n'esta parte está em perfeita harmonia com o sentido do governo.

Quer v. ex.ª uma prova?

N'esta casa ha uma comissão dos negocios do ultramar, á qual incumbe examinar as propostas e conhecer dos assumptos relativos ás colonias, pertencentes aos differentes ramos da administração publica, isto é, dos assumptos militares, judiciaes, ecclesiasticos, etc., etc. Era pois natural que n'essa comissão houvesse entrado ao menos um padre.

Infelizmente não acontece assim. O clero tem representantes n'esta casa, tanto na maioria como na minoria, mas nenhum faz parte da comissão dos negocios do ultramar.

Bem razão tinha eu ao começar pois quando affirmava que o assumpto em que ia entrar não é sympathico, nem para os governos nem para os parlamentos; e que sobretudo não é sympathico nem para este ministerio, nem para esta camara.

Os poderes publicos entre nós não gostam de padres. O clero está condemnado nas regiões officiaes do meu paiz.

Apezar d'isso vou fallar muito desassombadamente sobre o assumpto.

Antes de tudo e acima de tudo está o

cumprimento do dever, antes de tudo e acima de tudo está a consciencia, e o dever e a consciencia, mandam dizer a verdade, quer ella agrade, quer desagrado, e seja quem for a pessoa ou pessoas a que ella agrade ou desagrado. (*Muitos apoiados.*)

E note v. ex.ª, sr. presidente, que não é só o amor da classe a que me honro de pertencer, e os interesses da religião de que sou ministro, que me obrigam a occupar a attenção da camara; é tambem o amor do meu paiz, é o amor da civilização; porque para mim tenho que a civilização das nossas colonias, sobre tudo a regeneração da Africa, se ha de effectuar menos pelos esforços dos agronomos e das faustuosas e inuteis expedições de obras publicas, do que pelo zelo e pela abnegação dos missionarios.

E fallando assim não exprimo apenas a minha opinião, mas a opinião dos povos que marcham na vanguarda da civilização, como por exemplo a Inglaterra e a França, e que n'isto, como em muitas outras cousas nos podem dar lições e exemplos.

E se não quizermos exemplos de estranhos, lembremo-nos ao menos do que fizeram os nossos maiores, e sigamos as pizadas de D. João II e dos nossos antigos monarchas, para os quaes o padre na Africa, era a um tempo ministro da religião, explorador scientifico e missionario do progresso.

Mas não antecipemos considerações, que mais tarde melhor cabimento podem ter, e comecemos por fallar propriamente da administração ecclesiastica do ultramar.

Sr. presidente, nós no ultramar nem temos padres, nem temos seminarios, nem temos igrejas. Esta é a verdade.

No ultramar não temos padres em numero sufficiente para satisfazerem as necessidades espirituas dos fieis; não temos seminarios que eduquem convenientemente aquelles que se dedicam ao ministerio do altar; não temos templos onde se celebrem, não digo já de um modo decente, mas absolutamente onde se celebrem os actos do culto catholico.

E não sou eu que o digo; são os documentos officiaes; são os documentos de que temos conhecimento, e dos quaes eu vou citar alguns apenas á camara.

Começarei pela falta dos padres.

Devo ao favor de um amigo meu o ter examinado as contas da gerencia da provincia da India relativas ao anno economico de 1876-1877; documento official, documento impresso em Goa, e que eu lamentto não ter sido distribuido na camara, assim como outros muitos que ha no ministerio do ultramar, e não só no ministerio do ultramar como em outras secretarias de estado. (*Apoiados.*)

E lamento isto, porque o systema de governar em segredo será tudo, menos systema constitucional. (*Apoiados.*)

Nós aqui, quando queremos tratar conscienciosamente assumptos sobre os quaes nos pedem o nosso voto, temos (permitta-se-me a phrase) de andar muitas vezes ás apalpadelas. Esta é a verdade. (*Apoiados.*)

Eu sei que na imprensa nacional nada se imprimem alguns documentos officiaes que se distribuem pelos membros das

duas casas do parlamento. Mas digo e sustento que esses documentos são insufficientes, e não bastam para esclarecer o espirito dos representantes da nação. (*Apoiados.*)

Ha muitos assumptos, em que por falta de informações e dados officiaes não posso dar voto consciencioso; em que tenho duvidas, nos quaes não sei como hei de votar. E não faltarei á verdade dizendo que a muitos dos meus collegas succede o mesmo. (*Apoiados.*)

Depois ha uma outra falta. Não só é diminuto o numero dos documentos officiaes publicados e distribuidos pelos deputados; mas sequestra-se cuidadosamente o conhecimento d'esses documentos ao publico, porque os documentos mais importantes nem são conhecidos pela imprensa nem pelo paiz.

Em meu parecer não só a imprensa como a nação devia ter conhecimento de todos elles.

Quando o estado os não quizesse dar gratuitamente, que a tanto não está obrigado, ao menos fizesse imprimir maior numero de exemplares, e mandasse expôr á venda os que sobejassem da distribuição official.

E' assim que se faz em toda a parte onde ha realmente o systema representativo. (*Apoiados.*)

Ainda se os negocios fossem tratados n'esta camara com certa pausa e com tanta gravidade e circumspecção como vejo que são tratados, por exemplo, na Belgica e em França, muito bem.

Mas aqui apresenta-se um projecto; o relatório que o precede tem duas linhas apenas, o da commissão ás vezes é ainda mais curto e mais magro do que aquelle, e preparadas assim as cousas, diz-se sem mais cerimonia ao deputado: «aqui tem, discuta e vote!»

Disenta e vote o quê?! (*Riso e muitos apoiados.*)

Se esses projectos fossem precedidos de um relatório extenso, minucioso, como são, por exemplo, os projectos na Belgica e na França, então sim.

Larga e reflectidamente discutidos no seio da commissão, viriam preparados de um modo conveniente para os debates d'esta assembleia.

A camara depois não teria mais do que lê-lo para saber como havia de votar. (*Apoiados.*)

Assim, vindo os projectos como vem, é muitas vezes absolutamente impossivel votar com perfeito conhecimento de causa. (*Apoiados.*)

Mas, voltemos ás contas de gorenca da provincia da India, relativas ao anno economico de 1876-1877.

Vê-se por este documento que a despeza pertencente ao capitulo da administração ecclesiastica n'aquelle estado, a liquidada foi de 37:1223811 réis francos. A despeza paga em pouco foi inferior á liquidada. A differença não merece menção nem importancia.

Ora, o orçamento que vigorava n'esse anno na India, era o orçamento apresentado n'esta camara pelo sr. Corvo em 1875, e n'esse orçamento a despeza calculada para a administração ecclesiastica no estado da India era de 53:8033800 réis francos.

Logo, n'esse anno economico deixou de se effectuar no estado da India parte da despeza orçada para a administração ecclesiastica, na importancia de 16:3803959 réis francos.

Porque deixou de se fazer esta despeza?

D'onde vieram estas sobras?

Examinando o orçamento, facil é de ver que só podiam resultar da falta do pessoal.

Mas qual foi o pessoal que faltou?

Não foi o alto pessoal, porque o arcebispo lá estava e os vencimentos d'elle são os que mais avultam.

Não foi tambem o pessoal inferior, como sacristães, meninos do côro, altareiros, porteiros da massa, sineiros, etc., porque este pôde facilmente substituir-se, e qualquer vacatura d'esta ordem dura pouco tempo.

Não pôde, portanto, suppor-se senão que o pessoal que faltou, que as vacaturas que houve, e por causa das quaes se deixou de gastar uma parte consideravel da verba orçada foram de parochos e dos seus ajudantes.

N'esta palavra «parochos» comprehendendo, não só os parochos propriamente ditos, mas tambem os missionarios, e nas palavras «ajudantes de parochos» comprehendendo coadjutores, curas, capellães, escluindo apenas os capellães militares, dos hospitaes, etc, porque estes pertencem a outro capitulo do orçamento, que não é o de administração ecclesiastica.

Sou, pois, levado a concluir que foi a falta de parochos que fez com que não se despendesse toda a verba calculada no orçamento.

Mas quantos foram os que faltaram?

O maximo da congrua parochial na India é de 3183000 réis, o minimo é de réis 713000.

A media, por consequencia, é de réis 1943500.

Ora, dividindo 16:3803959 réis, que deixaram de se gastar, pela media das congruas parochiaes, que é, como disse, de 1943500 réis, encontramos no quociente 84 parochos.

Faltaram, portanto, no estado da India no anno economico de 1876-1877, 84 parochos.

Estes 84 parochos constituem quasi metade do numero de parochos que, segundo o orçamento, devia haver na India portugueza; por quanto vem descripta congrua para 203 e faltando 84 faltaram em proporção superior a 40 p. c.

E assim correm as cousas n'uma das nossas provincias ultramarinas mais importantes pela sua população.

Em Angola, primeira das nossas colonias pela população e pelos recursos naturaes, provincia importantissima pelo que já é hoje e mais ainda pelo futuro promettedor que offerece, e cujo desenvolvimento nos últimos annos espantosamente grande deve dar e dá á metropole grandes e fundadas esperanças, (*Apoiados*) o mal é ainda mais avultado, a falta de clero mais sensivel.

Segundo as estatisticas officiaes, mencionadas no relatório apresentado n'esta camara pelo sr. Corvo em 1875, em Angola ha 433:307 habitantes. Dando-lhe o or-

çamento apenas 26 parochos, caberá um parcho a cada 16:665 habitantes.

E dizem que se deseja sinceramente o progresso e a civilização das nossas colonias!

E mandam para Angola um parcho para 16:665 habitantes! Para Angola, onde o clima é asperrimo, onde ha falta quasi absoluta de communicações, onde a densidade de população é um sonho, porque a area que nós occupamos é extensissimal! Dizem á provincia de Angola—progride e civilisa-te—e quasi lhe tiram um dos elementos mais importantes para a civilização de um povo, o elemento religioso!

E para remediar tão consideravel falta enviam para esta colonia expedições de obras publicas, que até hoje só têm dado como resultado o dispendio de quantiasas sommas, e as viagens do Tejo para Loanda e de Loanda para o Tejo, de engenheiros e conductores com enormes e escandalosos adiantamentos, que o estado não sabe como ha-de descontar, e que se reputam perdidos. (*Apoiados.*)

Não são apenas as estatisticas que demonstram que em Angola ha poucos padres; é o prelado da diocese que o declara, é o illustre bispo de Angola e Congo, cuja competencia no assumpto ninguem contestara, o qual dirigiu em 16 de abril de 1878 ao governo um extenso relatório sobre o estado deploravel em que se encontra na provincia a administração ecclesiastica.

Tenho cópia d'esse documento, que examinei, e passo a ler á camara alguns trechos, tão eloquentes e claros, que dispensam, por inuteis, quaesquer commentarios.

Chamo a attenção dos meus collegas para as seguintes palavras: *não tem parcho metade dos concelhos sujeitos a auctoridades portuguezas, cada um dos quaes não é menor em extensão a uma diocese do reino. Pode ser que vá pura alli um ou outro sacerdote illudido ou ignorante das circumstancias locais e das contrariedades que li o aguardam, de outra forma, não.*

Note-se bem, é o prelado que diz: *metade das Egrejas estão sem padres, e cada parchoia tem a extensão de uma diocese do reino.* De modo que é diminuto o numero de parochias dotadas pelo orçamento, e metade d'essas parochias não tem parcho.

Na India, pois, e em Angola, que são as duas colonias mais importantes pela sua população, não ha parochos em numero sufficiente para satisfazerem ás necessidades espirituaes.

Mas eu não quero só fallar d'estas duas provincias; quero fallar de todas as possessões de além-mar. E para fazer sentir o estado lastimoso que em todas se encontra a administração ecclesiastica só preciso pôr em frente da estatistica da população as verbas do orçamento destinadas para o clero.

Segundo o orçamento apresentado pelo sr. Thomaz Ribeiro, que eu hei de examinar minuciosamente, quando se tratar da sua discussão, e ao qual apenas me referirei agora como documento para provar as minhas affirmativas, em todas as nossas possessões ultramarinas deve haver 341 parochos e ajudantes de parochos.

Ora, a população das nossas provincias ultramarinas, das nossas vastas colonias na Africa, Asia e Oceania, segundo as

estatísticas officiaes publicadas, orça por um milhão de habitantes.

Para este milhão pois de habitantes ha apenas 341 parochos e ajudantes de parochos.

O orçamento não estabelece, não fixa congrua para mais algum.

Devendo haver, e digo devendo haver, porque o effectivo dos parochos é inferior talvez em quasi 50 por cento, como eu já demonstrei á camara, em relação á India e Angola, ao numero de parochos que deviam existir segundo o orçamento: devendo haver 341 parochos para todas as nossas provincias ultramarinas, fica um parochos para 2:932 habitantes.

Mas, segundo se collige das contas de gerencia do estado da India e das affirmativas do bispo de Angola, n'aquellas duas possessões os parochos são, quando muito, metade d'aquelles que, segundo a lei, devia haver; nas outras possessões podemos calcular que será o mesmo; portanto, se, existindo todos, elles estariam na proporção de 1 para 2:932 habitantes, existindo effectivamente s. metade, estão na proporção de um para 5:864.

Ora, realmente este abandono é triste. (Apoiados.)

Ha dez annos tive a honra de ser nomeado para governar o bispado de Aveiro. O meu primeiro cuidado, chegando á diocese, foi fazer uma estatística do clero, porque pouco acertadamente poderia reger o bispado sem conhecer o pessoal destinado a coadjuvar-me.

Pelas minhas averiguações conheci existirem sujeitos á minha jurisdicção 350 a 360 padres, e isto, note-se, n'uma diocese que se conta 73 parochias.

Hoje o numero diminuiu alguma cousa em Aveiro, como nas outras dioceses, porque ha sido menor a frequencia nos seminarios, por causas que todos sabem e que não vem para aqui mencionar.

E com esta diminuição começou de sentir-se falta no serviço, e de apparecerem lamentações sentidas dos povos. Comtudo não serei ousado affirmando que no meu bispado ainda hoje tenho mais padres do que existem em todas as nossas provincias ultramarinas juntas.

Governo um bispado com 73 parochias, que tem tantos padres como devemos ter, segundo o orçamento para todas as nossas provincias ultramarinas, que occupam uma area extensissima, um grandissimo territorio!

Este facto, independente de outros, e só por si, demonstra cabalmente á camara a verdade da proposição que enunciei, e é esta: que no ultramar não ha padres em numero sufficiente. (Apoiados.)

Mas, alem d'este argumento, fundado nos documentos officiaes, eu peço licença á camara para lhe contar alguns factos curiosos que vem referidos em livros estrangeiros.

Não sei quando acaba a sessão. Eu estou prompto para continuar a fallar, mas v. ex.ª me informará se já deu a hora.

O sr. presidente:—Faltam ainda dez minutos.

O orador:—Então eu continuo.

Como disse, alem d'este argumento, fundado nos documentos officiaes, que prova que ha falta de parochos no ultramar, eu

posso contar á camara alguns factos referidos em livros escriptos por estrangeiros, os quaes a este respeito sabem, lastima é dizel-o, mais do que nós.

Esses factos curiosos e singulares provam até á saciedade a grande miseria e abandono em que está a nossa egreja no ultramar.

Lourenço Marques é uma das nossas possessões importantes. A importancia d'ella revela-se bem no empenho que os inglezes tinham em nol-a tirar, e no calor que tomaram n'essa pendencia célebre, que á final foi resolvida diplomaticamente, a nosso favor, pelo general Mac-Mahon, em 1875.

De um livro ha pouco publicado por um empregado muito habil e muito zeloso do ministerio da marinha, o sr. Bulhões, (Apoiados) de cujo merecimento eu folgo de dar testemunho n'este lugar e n'esta occasião, consta que os valores importados por aquelle porto no ultimo anno foram na importancia de 1.171:334\$581 rs. fracos, e os exportados de 1.125:834\$271 réis fracos.

No orçamento está descripta a verba de 1:648\$000 réis para o governador.

Pois, sr. presidente, um porto tão apeteido pelos inglezes, que não apeteem cousas ruins, com um tão consideravel movimento commercial, com um governador tão largamente remunerado, não tem (custa-me a dizel-o, mas é necessario que se diga), um unico padre desde 1834!

Ha poucos annos, em 1864, o vigario apostolico do Natal enviou a Lourenço Marques um missionario para fazer a pregação do Evangelho. Sabe a camara como o receberam as auctoridades portuguezas? Dando-lhe ordém para se retirar immediatamente!

De maneira que nós, não só não mandamos padres para as nossas possessões, mas não consentimos que para lá vão padres estrangeiros.

Entendemos que devemos civilisar o ultramar com grandes expedições de obras publicas, tão inuteis como faustuosas, e contentamo-nos com isso. Do resto não curamos.

No Congo dá-se tambem um facto extravagante. Quando o li nos livros estrangeiros, não o acreditei. Perguntei a alguns collegas meus, que têm estado no ultramar, e a outros que têm muito conhecimento de Africa por informações seguras e convenci-me a final que é realmente verdadeiro.

Em 1841 o Papa Gregorio XVI quiz mandar missionarios para Angola; dirigiu-se ao governo portuguez, mas este recusou-se acceder aos desejos de pontifice.

Em 1865 houve novas insistencias da parte da Santa Sé, as quaes foram coroadas de melhor resultado.

Desde 1865 a 1869 partiram para a Africa missionarios apostolicos, que foram estabelecer-se em S. Paulo de Loanda, Ambriz e Mossamedes.

O papa porém, queria mais alguma cousa; queria que fossem tambem missionarios para o Congo, mas isso nunca o pôde conseguir pela resistencia do nosso governo. Este não consentiu o ingresso dos missionarios ali, e pouco tempo os deixou estar em Angola.

O Congo, como a camara sabe, não faz parte do territorio portuguez, mas é governado por um régulo que reconhece a soberania de Portugal. No Congo ha uma dynastia christã, e grande parte dos subditos são tambem christãos, mas não ha lá padre algum.

Em taes circumstancias, quando no Congo nasce um filho ao rei, ou alguma pessoa da familia real adoeca e precisa sacramentos, o régulo dirige-se ao governador de Loanda, mandando pedir um padre, e o governador satisfaz a requisição, mandando-lhe um dentro de uma escolta de bayonetas. Vae o padre, chega lá, administra o sacramento do baptismo ou outro qualquer para que é chamado, e volta immediatamente para Loanda, com a escolta que o levou.

Eu, sr. presidente, li isto tudo n'um livro estrangeiro, mas pareceu-me o caso tão extraordinario, que antes o julguei producto da imaginação do auctor, do que narração de facto real. Perguntei a alguns collegas nossos, que conhecem os negocios de Africa, se era exacto o que estranhos contavam, e afinal cheguei á dolorosa certeza de que tudo é pura verdade!

Ora, realmente, isto é uma vergonha para Portugal. Se não querem mandar padres para o Congo, devem que os padres estrangeiros vão para lá, porque o governo portuguez não tem direito a impedir a civilização de povos, que não pôde ou não quer civilisar, e cujo progresso não quer promover. (Apoiados.)

Consentir que o Congo esteja n'este lastimoso estado, é cousa que não pôde admittir-se. (Apoiados.)

O pontifice queria mandar padres para o Congo; o governo não os quiz admittir lá; porém, os padres que eram mandados para o Congo foram estabelecer-se nas margens do rio Zaire, a 180 kilometos do mar, ao pé das grandes cataratas do Yellaba, e formaram uma colonia agricola, que prospera muito em Landana, e occupam hoje uma posição que é considerada pelos geographos como a porta da Africa central.

Não os quizeram admittir no Congo, e...

Vozes:—Deu a hora.

O orador:—Dizem que deu a hora, e não quero abusar da paciencia da camara.

Peço a v. ex.ª se digne reservar-me a palavra para a sessão seguinte.

Vozes:—Muito bem, muito bem.

(O orador foi complimentado por muitos snrs. deputados.)

## RETROSPECTO DA QUINZENA

### SUMMARIO

Mais irmãos de caridade; reparo d'alguem, e insistencia nossa; heroismo das irmãs e um livro onde se apontam mais.—O descendente d'um heroe morto sem gloria; o juizo de Deus.—Rápidos traços do quadro da Europa na epoca presente; Serpa Pinto.

Mais tres irmãs da caridade chegaram

ha dias a esta cidade, pedidas pela meza da Ordem de S. Domingos, para cuidar dos doentes do seu hospital. São talvez vinte as que se acham distribuídas por tres casas de caridade de Guimarães, e bom era que fossem mais, que em todos os hospitaes o doente encontrasse o rosto meigo d'essos entes privilegiados para lhe adoçar os amargores da doença. E assim será! Quando as portas do claustro se fecham, quando a mulher, em nome da *liberdade* não pôde deixar o mundo senão por meio do suicidio, grato é para todos os verdadeiros amigos da liberdade que esses asylos onde se acolhavam as mais sublimes virtudes, sejam substituídos pelos institutos das filhas de S. Vicente de Paulo, gloriosos do catholicismo, honra do seculo actual!

Alguem estranhou que nós, em o n.º 5 d'esta revista, exalçamos tão altamente as irmãs da caridade, dizendo-nos que razão não havia para tanto, pois que ellas se trocavam o mundo pela touca de irmã da caridade era unicamente para passar uma vida melhor do que passa a mulher que trabalha. Hoje, que temos occasião de nos occupar de novo d'essas santas mulheres, repetimos o que então disse-ramos, chamando-lhe *anjos que pairam, como a Providencia, em volta dos desgraçados*, e não só isso mas dizendo mais, porque não recciamos que alguém seja capaz de desmentir-nos: as irmãs da caridade, com a sua abnegação, com o amor que dispensam á humanidade afflicta, fazem eclipsar quantas virtudes, quantos sacrificios humanos, quantos heroismos se nos apresentam nas paginas da historia de todos os povos.

E não somos nós que o dizemos, porque autoridade nos falta para isso; mas dil-o a historia de todos os povos onde tem apparecido a touca da irmã da caridade.

Não ha muito que lèmos um facto que, esse só, era bastante para fazer reverenciar as irmãs da caridade. Quando o exercito francez se dispunha a atravessar o Alma, na Crimeia, os primeiros corpos de tropa foram prostrados pelas balas inimigas. A travez d'uma nuvem de fumo e balas que pairava entre o exercito francez e os muros de Sebastopol era impossivel abrir caminho. E os desgraçados soldados lá estavam do outro lado, feridos ou mortos, sem ao menos terem o consolo da religião. O exercito não marchava, e os medicos esperavam que os mandassem. Mas do meio d'esse exercito que combatia pela honra da França e que esperava que a França lhe recompensasse os serviços ninguem se moveu. Sabem os leitores quem se apartou do grosso do exercito e foi, por entre as bombas que se esmigalhavam na ponte, abrindo caminho por entre uma chuva de ferro e fogo? Querem saber quem foi? Foram os capellães do exercito, os padres, e as irmãs de caridade. Quer dizer, foram os padres que são soldados da humanidade inteira, e as irmãs da caridade para quem não ha côres de bandeiras, para quem não ha nações, para quem não existe senão Deus e a humanidade!

E para os que julguem pouco os serviços das irmãs da caridade aconselhamos-lhe a leitura d'um livro que não ha muito escreveu um general francez, acerca da ultima

guerra. (1) *Letam-o os que não sabem o que a humanidade deve ás pobres mulheres de que nos occupamos e depois terão desejos de curvar-se ante ellas todas as vezes que as encontrarem.*

\* \*

O descendente do primeiro homem de guerra d'este seculo, do general afortunado que tentou avassalar o mundo depois de o calcar aos pés de seus soldados; o descendente do homem que saltando as azas ás aguias da republica as levou de victoria em victoria até as fazer pousar nas pyramides do Egypto, até as fazer pairar por sobre os alcaçares dos monarchas da Europa, e de as mostrar por entre as ameias de quantos castellos fortificados ousaram impedir-lhe a passagem; o descendente d'esse homem, que levava seus soldados, animados pelo desejo da gloria, e mais ainda animados pelo mais feroz dos barbarismos, a toda a parte onde havia monumentos que incendiar, preciosidades que roubar, mulheres que violar, livres que assassinar e reis que destronar; o descendente d'esse homem, de quem o nome só faria tremer a humanidade, lá deixou a vida entre os areaes Africanos, como a deixaria um simples soldado do exercito inglez!

O filho de Napoleão III morreu ingloriamente, como ingloriante havia morrido o pae.

E' que a Providencia, ainda que tarde, não deixa sem castigo os grandes crimes, quer elles se pratiquem na obscuridade, quer sejam perpetrados á luz do dia, acobertados pelo prestigio d'um grande nome.

Os crimes que a soldadesca infrene, impia e desmoralizada, ao mando do 1.º Napoleão, cometera pela Europa; o quadro horroroso de intrigas e miseraveis vinganças que se estendera pela França no reinado do 3.º Napoleão, e o desprezo, ou antes o modo infame e estúpido com que o senão de Sedau entregou Roma á rapacidade das hostes revolucionarias deviam acarretar sobre a familia napolionica as maiores desgraças.

Lá ficou pois em Africa, atravessado por 17 feridas, o unico representante dos Napoleões.

Assim como esta familia caminhou rapidamente pela estrada da gloria, assim tambem, apenas chegada ao medonho abysmo da desgraça, rolou com a mesma rapidez. E de toda essa familia de imperadores e reis, nada resta a não ser um quadro triste onde se vê a ossada d'um joven infeliz e ajoelhado junto d'ella a figura triste d'uma mãe que chora o unico filho, quando bem enchutas não eram as lagrimas choradas pelo throno e pelo marido.

Em meio d'este quadro é a pallida figura d'esta mulher a unica coisa que nos commove. De tudo quanto amava nada lhe deixou a Providencia.

Se não fosse uma mulher christã, teria como refugio em tão triste momento o sui-

cidio; é catholica, tem a cruz para n'ella se abraçar, e como não foi possível aos maiores do seu filho arrazar os refugios dos desgraçados, tem um convento onde possa esquecer as dores que a matam, ou onde possa ao menos chorar livremente.

Lá morreu o ultimo Napoleão sobre a terra que o primeiro ensanguentára; lá vae procurar repouzo a viuva infeliz no lugar que os Napoleões tentaram arrazar!

Altos juizos de Deus!

\* \*

E' horroso o quadro que n'este instante offeroce a Europa. Na Russia o nihilismo tenta fazer desapparecer tudo desde o czar até a mais remota figura da auctoridade. Ao 1.º Ar as noticias que nos trazem os jornaes estrangeiros quer nos parecer que tudo quanto se diz não é mais que uma invenção dos jornalistas. Infelizmente é uma verdade, o verdade terrivel, que faz tremer em seus fundamentos o mais solido império do mundo.

Na Inglaterra não é menos horrivel o quadro em vista das falencias que ali se tem realisado. E' de pasmar, porque isto é tambem uma especie de nihilismo, que por outra forma tenta arruinar o credito e com elle a sociedade.

Em França é outra sorte de nihilismo que se ergue em meio de tantas ruinas e desgraças, e estes querem no primeiro plano ver o cadaver da Religião Catholica! Infelizes, que tem de morrer sem verem realisados seus sonhos.

Na Italia é o fundo do quadro todo negro, triste como noite de medonha tempestade, e no meio d'esse quadro só uma luz esplende, só uma luz brilha como formoso sol.

Só o Papa, representante do Christo, se apresenta firme em meio do seu posto, sem temer as ondas enraivecidas que tentam despedaçar todos os thronos, todas as instituições, mas que se quebram de encontro ás paredes do Vaticano sem que ao menos o façam vacilar.

Em Portugal festeja-se o regresso do major Serpa Pinto e exaltam o arrojo do denodado explorador. Ha de ser sempre assim a nossa gente. Tem por abi havido uma gritaria espantosa para mostrar que nada se deve aos frades, aos missionarios, e agora que vem da Africa um homem que não fez nada, nada absolutamente comparado com o que fizeram os padres, e eis que se põe o homem na lua!

Como bem disse ha pouco na camara dos deputados o illustrado governador do bispado d'Aveiro, nada se pôde esperar d'esta viagem á Africa.

E senão espereemos.

J. DE FREITAS.

(1) *Heroismo de Solaina*, pelo general Ambert, versão de Pedro Cabral, 1 v. in-8.º

**CORREIO SEM FRANQUIA**

*Cartas recebidas desde 12 de junho e a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa*

Dos exc.<sup>nos</sup> snrs.

Padre José da Silva Guedes.—Será enviada a obra completa muito breve.

Padre Joaquim José Soares.—Foi enviado o livro pedido.

Padre Manoel João de Varanda.—Tudo se fará como deseja.

Padre Manoel José de Souza.—Ficam pagas as cadernetas 13 a 16 da Historia dos Papas e as 4 primeiras de Schavini.

Luiz Estellita Freitas.—Enviamos o

n.º 3. Agradecemos o mais, de que vamos utilizar-nos.

João Maria Cerqueira Machado.—Enviada com o n.º 9 a folha 10.

Antonio Nunes Leitão.—Recebemos a quantia enviada, e pelo correio de 18 foram os livros.

Ventura Jorge da Costa Amorim.—Mudada a direcção como deseja.

Domingos Teixeira de Sampaio.—Recebemos a importancia do 1.º anno do «Progresso», que agradecemos.

Antonio Pires Correia de Azevedo.—

Fica paga a assignatura do «Progresso», bem como a «Maçonaria e os Jesuitas», que enviamos.

Sergio de Souza.—Respondemos no passado numero.

Thezoureiro-mór, Telles de Bettencourt.—Não nos esqueceremos de enviar os n.ºs logo reimpressos.

Padre José Lourenço de M.—Enviamos os n.ºs 12 e 14.

Firmino Lopes de Figueiredo.—Enviamos os livros em breve, pedindo desculpa do nosso descuido.

**SECÇÃO DE ANNUNCIOS**

TRES LIVROS IMPORTANTES

(ULTIMAS PUBLICAÇÕES)

**MORTE AO CLERICALISMO**

ou

Resurreição do sacrificio humano

por

**MONSENHOR GAUME**

**POTONOTANO APOSTOLICO**

TRADUZIDO DA EDIÇÃO FRANCEZA

por

**JOSÉ GONÇALVES D'AGUIAR**

1 vol. de 155 pag. 400 réis

**AS TRES ROZAS DOS ESCOLHIDOS**

por

**MONSENHOR GAUME**

TRADUZIDA DA 2.ª EDIÇÃO FRANCEZA

por

**Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguilar**

Conde de Samodães, par do reino, ministro e secretario de estado honoraio etc., etc.

1 vol. de 145 paginas 200 réis

**UMA HORA**

NA PRESENÇA DE

**JEZUS SACRAMENTADO**

APPROVADO PELO ORDINARIO

1 pequeno folhettino de 16 pag. 50 réis

**GRAMMATICA**

DA

**LINGUA ITALIANA**

PARA USO DOS PORTUGUEZES

por

**ANTONIO VIEIRA LOPES**

Medico-cirurgico pela eschola do Porto

2.ª edição correcta e augmentada

1 vol. . . . . 600 réis

**Relogio da Paixão**

ou

Reflexões e affectos sobre os soffrimentos de Jesus Christo

por

**Santo Alfonso de Liguorio**

Adornado com uma estampa de

**JESUS CRUCIFICADO**

1 vol. em 16, cartonado.. 300 réis

Vende-se em Lisboa na livraria de Antonio Maria Pereira, rua Augusta, e em Guimarães na redacção do «Progresso Catholico.»

Brinde à juventude catholica

NO DIA DA

**PRIMFIRA COMMUNHÃO**

PELO PADRE PATRICIO

Preço . . . . . 120 réis

**INSTRUÇÃO**

PARA

**Ganhar o Jubileu**

CONCEDIDO POR S. S. LEÃO XIII EM 15 DE FEVEREIRO D'ESTE ANNO

PELO PRESBYTERO

**D. Miguel Martinez y Sanz**

Traduzida em portuguez por Francisco Luiz de Seabra, parcho de Cacia, e com licença do Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Porto

Preço . . . . . 100 réis

**CONVERSAS**

SOBRE

**O PROTESTANTISMO**

por

**MGR. SEGUR**

TRADUÇÃO DO PADRE

**SENNA FREITAS**

1 vol. de 226 pag..... 200 réis

Franco de porte a quem mandar 200 réis á redacção do «Progresso Catholico.»

O preço do «Progresso Catholico» é de 600 réis por anno, franco de porte. Só se recebem assignaturas por um anno e a principiari sempre no 1.º numero de cada anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 54 — Guimarães.

IMP. CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS  
PORTO—RUA DE SANTO ILDEFONSO—8 e 10